

ANTROPOLOGIA E MERCADO DE TRABALHO (DAN0005) – Turma 1 – 1/2022 – 60h/aula [Versão final.]
Prof. Henyo T. Barretto F^o (DAN/UnB) – Quartas-feiras, 18h00 às 21h20 – Local: PAT AT-020

Ementa

O objetivo da disciplina é apresentar e discutir cenários possíveis de mercado de trabalho para cientistas sociais, em especial antropóloga(o)s, uma vez formada(o)s. O curso aposta em estimular mais criatividade para encontrar trabalho e, sobretudo, ampliar o conhecimento sobre os espaços e perfis de empregos já existentes e receptivos, dentro da academia e, também, em ambientes profissionais não acadêmicos. A ideia é de que, ampliando os horizontes sobre o mercado de trabalho, a(o)s estudantes possam compreender as possibilidades de aplicação e desenvolvimento de suas áreas de estudo, envolver-se mais com seu curso de graduação e, quiçá, já se orientar para perfis profissionais de sua preferência.

Objetivos

Este curso se inspira em suas três edições anteriores, todas ministradas pela Prof^a Soraya Fleischer¹, na definição dos seus objetivos: apresentar e discutir possíveis horizontes de inserção e exercício profissional para cientistas sociais, em especial antropólogas e antropólogos, uma vez formada(o)s.

A disciplina origina-se de uma tentativa de responder à interpelação da(o)s estudantes de graduação em Ciências Sociais, em especial da Antropologia, com sua constante inquietação/angústia sobre as “poucas oportunidades de trabalho após a graduação”. As apostas do curso, portanto, são de: **(i)** ampliar o conhecimento sobre os espaços de exercício e os perfis profissionais já existentes e receptivos; e **(ii)** estimular mais ousadia e criatividade para buscar, encontrar e, quiçá, até criar oportunidades de trabalho. Ademais, a partir do acúmulo de conhecimentos gerados ao longo do curso, pretende-se, ao final, lançar luzes e provocações relativas à ética profissional em Antropologia. Embora sejam evidentes as relações desta disciplina com os temas dos laudos antropológicos e da ética, este não é um curso sobre tais aspectos – que serão abordados e discutidos, ainda que não com a densidade que cada qual demanda por si mesmo.

Metodologia

Pretende-se fazer isso por meio tanto da leitura e discussão de textos sobre o tema, incluindo produtos elaborados por antropólogas e antropólogos profissionais; quanto da interpelação organizada e sistemática de tais profissionais, já inserida(o)s em instituições e empresas, que convidaremos para compartilhar conosco suas trajetórias e experiências de trabalho. Dentre os horizontes profissionais, não trataremos dos ensinos médio e superior, o primeiro por ser objeto de aprofundamento no âmbito da Licenciatura e o segundo por razão que se evidencia na citação à próxima página.

Desse modo, o curso consistirá de 15 encontros presenciais de pouco mais de três horas cada, centrados, ora em aulas expositivas e discussões de textos, com grupos de estudo dirigidos em algumas sessões, ora na escuta atenta de depoimentos de colegas profissionais e na interpelação deste/as. Montaremos uma equipe na plataforma *Teams* em suporte às atividades da disciplina e contaremos com o apoio de até duas monitoras de ensino. Originalmente, o curso previa e realizava visitas a instituições em que tais profissionais trabalham e a preparação para tais momentos de visitaçãõ era uma atividade importante e objeto de avaliação. Não obstante, dado o cenário ainda incerto da pandemia e os distintos protocolos sanitários em vigor nas diferentes instituições, lamentavelmente nos vimos obrigados a excluir as atividades de visitaçãõ.

¹ Duas na forma de *Tópicos Especiais em Antropologia* (1/2014 e 1/2017) e outra já como tal (1/2020).

Avaliação

Consistirá na realização de duas trilhas de exercícios ao longo do curso: **(a)** a elaboração e proposição de perguntas para a(o)s profissionais convidada(o)s (24 pontos) – a serem previamente encaminhadas via a área da disciplina no *Teams*; e **(b)** a produção de 6 (seis) breves exercícios de sistematização em diferentes formatos (a serem oportunamente definidos), de não mais que três páginas, que expressem os aprendizados em torno de cada uma das rodadas de conversa com a(o)s profissionais convidada(o)s (72 pontos) – a serem submetidos na sessão subsequente à conversa.

Por fim, uma citação da conclusão de um texto de Tim Ingold, na qual busco inspiração para esta disciplina – e que justifica porque não enfocaremos o exercício do ensino superior neste curso.

“Esta é uma mensagem que tem implicações críticas para a forma como a Antropologia é ensinada. Muitas vezes, parece-me, nós desapontamos as expectativas do(a)s nosso(a)s aluno(a)s. Em vez de despertar a sua curiosidade em relação à vida social, ou acender nele(a)s um modo curioso de ser, o(a)s forçamos a uma reflexão interminável sobre textos disciplinares que são estudados não porque iluminam o mundo, mas pelo que eles revelam sobre as práticas do(a)s próprio(a)s antropólogo(a)s e as dúvidas e dilemas que cercam o seu trabalho. O(A)s aluno(a)s logo descobrem que [...] a Antropologia tornou-se um questionamento sobre seus próprios métodos de trabalho. Como educadore(a)s inserido(a)s em departamentos universitários, a maioria do(a)s antropólogo(a)s dedica grande parte de suas vidas a trabalhar com o(a)s estudantes. Ele(a)s provavelmente gastam consideravelmente mais tempo em sala de aula do que em qualquer lugar que poderiam chamar de campo. Algun(ma)s gostam disso mais do que outro(a)s, mas, em geral, não consideram o tempo na sala de aula como parte integrante da sua prática antropológica. À(o)s aluno(a)s se diz que Antropologia é o que fazemos com os nossos colegas e com outras pessoas e povos, em outros lugares, mas não com ele(a)s. Excluído(a)s da casa de máquinas da construção do conhecimento antropológico, só o que podem fazer é observar através das janelas que nossos textos e ensinamentos lhes oferecem. Levou quase um século, é claro, para as pessoas anteriormente conhecidas como ‘nativas’, e recentemente como ‘informantes’, serem admitidas à casa grande da Antropologia como colaboradoras principais, ou seja, como pessoas com as quais trabalhamos. Agora é habitual reconhecer efusivamente as suas contribuições para qualquer estudo antropológico. No entanto, o(a)s estudantes permanecem excluído(a)s, e a inspiração e as ideias que fluem do nosso diálogo com ele(a)s não reconhecidas. Eu considero isso um escândalo, uma das consequências malignas da divisão institucionalizada entre pesquisa e ensino, que tem marcado tanto a prática acadêmica. Porque, na verdade, a epistemologia que constrói o(a) aluno(a) como mero(a) receptor(a) de um conhecimento antropológico produzido alhures – e não como um(a) partícipe de sua contínua elaboração criativa – é a mesma que constrói o nativo como um informante. E isso não é mais defensável.” [Tim INGOLD, “Antropologia **não** é Etnografia”, ‘Epílogo’ do livro *Estar Vivo*, tradução livre minha do original em inglês, 2010].

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

OBS.: As referências sinalizadas com asterisco [*] são as de leitura obrigatória, as demais constituindo literatura complementar. Em algumas sessões adotaremos a dinâmica de grupos de estudo dirigido, conforme indicado. A quase totalidade das referências indicadas encontra-se disponível gratuitamente na web; as demais, serão disponibilizadas na área da disciplina no *Teams*. Não estão incluídas ainda as referências aos produtos que serão sugeridos pela(o)s colegas convidada(o)s.

08/06 Apresentação do curso, dos participantes, das monitoras e da trajetória do professor.

BARRETTO F^o, H. T. 2017. Ofício, profissionalização e perspectivas de regulamentação da profissão em Antropologia no Brasil: breve histórico e atualização de dilemas enfrentados e vindouros. *Áltera - Revista de Antropologia da UFPB*, 1(4): 13-41. <https://periodicos.ufpb.br/index.php/altera/article/view/36493/19735>

- [*] FLEISCHER, S. 2017. Onde uma antropóloga pode trabalhar? Relato de uma disciplina de graduação sobre Antropologia e mercado de trabalho. *Áltera - Revista de Antropologia da UFPB*, 1(4): 42-60. <https://www.periodicos.ufpb.br/index.php/altera/article/view/36060/19732>
- [*] MAGALHÃES, A. M. et al. 2020. “Para o projeto bolsonarista, a Antropologia é inútil ou perigosa?” *Le Monde Diplomatique Brasil*, 28 jul. 2020, <https://diplomati-que.org.br/para-o-projeto-bolsonarista-a-antropologia-e-inutil-ou-perigosa/>.
- OLIVEIRA, K. E. de e AMORIM, L. 2015. “Os dilemas do ofício do antropólogo. Entrevista com Henyo T. Barretto Filho”. In FRANCH, M.; ANDRADE, M.; AMORIM, L. (orgs.). *Antropologia em novos campos de atuação: debates e tensões*. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora. pp. 301-314. www.aba.abant.org.br/files/91_00173770.pdf
- [*] Podcast Conversas da Kata. 2020. EP #8 - *Procura-se antropóloga: o misterioso mercado de trabalho da Antropologia*. 56'. Em <https://open.spotify.com/episode/7Jyb6MupZhTOicBlquUxmt?si=c44016be526e40ab>
- [*] SILVA, Roniel Sampaio. 2018. Entrevista Café com Sociologia à Empresa Júnior SOCIUS sobre o mercado de Atuação das Ciências Sociais. *Revista Café com Sociologia*. <https://cafecomsociologia.com/entrevista-socius-sobre-o-mercado-de/>
- [*] Vídeo *Antropologia pra quê? Antropologia pra quem?* Live de lançamento do Coletivo RABA (Rede Autônoma Brasileira de Antropologia), 11/09/2020. 1h47'. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=spXDe7qhd_U
- [*] SPYER, Juliano et al. 2021. Cientistas sociais agora reinventam potenciais da carreira. *Nexo Ensaio*, 07 de novembro de 2021. Disponível em <https://www.nexojournal.com.br/ensaio/2021/Cientistas-sociais-agora-reinventam-potenciais-da-carreira>.

SOCIUS. 2013. *Relatório do levantamento de dados sobre o perfil do(a)s estudantes de Ciências Sociais e percepções sobre o Mercado de Trabalho*. Brasília: Mimeo.

15/06 O campo de atuação profissional em Antropologia nos últimos 30 anos.

Dinâmica de grupos de estudo dirigido.

- [*] FONSECA, Cláudia. 2004. “Antropólogos para quê? O campo de atuação profissional na virada do milênio”. In TRAJANO Fº, W. e RIBEIRO, G. L. (orgs.). *O Campo da Antropologia no Brasil*. Rio de Janeiro, Contracapa/ABA. p. 69-91. www.aba.abant.org.br/files/000026_00183142.pdf
- [*] SPRANDEL, M.; BARRETTO Fº, H. T. 2018. Profissionais com formação em Antropologia para quê? Uma apreciação das transformações contemporâneas no campo de atuação profissional em Antropologia. In Simião, D.; Feldman-Bianco, B. (orgs.). *O Campo da Antropologia no Brasil: retrospectiva, alcances e desafios*. Brasília, DF: Associação Brasileira de Antropologia. 259-283. www.aba.abant.org.br/files/118_00123885.pdf

22 e 29/06 A antropóloga e o antropólogo na esfera pública (1): as carreiras, as expertises e as práticas na Funai, no INCRA e no IPHAN.

- CARDOSO JR., C. et al. 2022. *Assédio Institucional no Brasil: avanço do autoritarismo e desconstrução do Estado* [livro eletrônico]. Brasília, DF: Associação dos Funcionários do Ipea; EDUEPB. [Ler os capítulos 19 e 20.]
- [*] CARVALHO, A. P. C. de. 2010. O que um inventário de referências culturais poderá dizer? Os desafios da atuação dos antropólogos nos processos de mapeamento, identificação e registro do patrimônio cultural das populações afro-brasileira. *Campos*, 11(1): 31-46. <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs-2.2.4/index.php/campos/article/view/22375/14697>
- COSTA, J. M. D. 2019. *O “agir temerário, fraudulento e tirânico”: a antropologia e os antropólogos segundo a CPI da Funai e do Incra (2015-2017)*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - UnB.
- GARCIA, M. V. C. 2020. *Do Belo e Velho ao Mosaico do Intangível: Uma poética e algumas Políticas de Patrimônio Cultural*. Kindle Edition (Portuguese Edition).

GOBBI, I. 2006. *A temática indígena e a diversidade cultural nos livros didáticos de história: uma análise dos livros recomendados pelo Programa Nacional do Livro Didático*. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - UFSCar.

[*] _____. 2010. "Funai como campo de atuação dos antropólogos". In TAVARES, F.; GUEDES, S. L.; CAROSO, C. (orgs.) *Experiências de ensino e prática em antropologia no Brasil*. Brasília, DF: ABA/ÍCONE Gráfica e Editora. p. 76-79. www.aba.abant.org.br/files/131_00168733.pdf

LOBAO, R.; MORAES, P. L. 2016. Conversa de surdos: quando antropólogos avaliam laudos de antropólogos. Estudos de componente indígenas para a FUNAI. *Novos Debates - Fórum de debates em antropologia*, 2, pp. 141-150. <http://novosdebates.abant.org.br/revista/index.php/novosdebates/article/view/162>

[*] RAMOS, A. R. F. & GOBBI, I. 2017. "Ibaorebu, Educação que Empodera". In RICARDO, B. & RICARDO, F. (eds.) *Povos Indígenas no Brasil 2011-2016*. São Paulo: Instituto Socioambiental. pp. 440-442.

[*] SILVA, C. T. da. 2005. "Campo minado: Considerações sobre o poder e a antropologia na identificação e delimitação de terras indígenas". In SOUZA LIMA, A. C. e BARRETTO Fº, H. T. (orgs) *Antropologia e Identificação: os antropólogos e a definição de terras indígenas no Brasil (1977-2002)*. Rio de Janeiro: Contra Capa. p. 249-261.

SOARES, M. de A. *Antropólogos na ação: o exercício do ofício extra-acadêmico junto a Povos Indígenas*. Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, de 03 a 06 de agosto de 2014, na UFRN.

TAMASO, I. 2005. A expansão do patrimônio: novos olhares sobre velhos objetos, outros desafios. *Sociedade e Cultura*, 8(2): 13-36. <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/view/1008/1203>

VALADÃO, V. 1994. "Perícias judiciais e relatório de identificação". In SILVA, O. S.; LUZ, L.; HELM, C. (orgs.) *A perícia antropológica em processos judiciais*. Florianópolis: UFSC. p. 36-41. www.aba.abant.org.br/files/000156_0017097.pdf

Conversa com **Markim Garcia** (IPHAN), **Julia Dalla Costa** (INCRA) e **Isabel Gobbi** (FUNAI). Preparar e trazer perguntas a serem feitas à(o)s colegas convidada(o)s e ler previamente ao menos um produto sugerido por esta(e)s.

06 e 13/07 A antropóloga e o antropólogo na esfera pública (2): a carreira, a expertise e a prática de analista pericial no MPF.

[*] AMORIM, Elaine; ALVES, Kênia; SCHETTINO, Marco Paulo Fróes. 2010. "A ética na pesquisa antropológica no campo pericial". In FLEISCHER, S. & SCHUCH, P. (orgs.) *Ética e regulamentação na pesquisa antropológica*. Brasília: LetrasLivres e EdUnB. P. 193-216.

ARRUTI, J. M. P. 2005. "Etnografia, história e memória no Mocambo: notas sobre uma situação de perícia". In LEITE, I. B. (org.) *Laudos periciais antropológicos em debate*. Florianópolis: Coedição NUER/ABA. p. 113-136. http://www.aba.abant.org.br/files/1_00180304.pdf

[*] CARREIRA, E. A. 2008. "O lugar da antropologia no campo multidisciplinar do laudo pericial". In SILVA, G. (org.) *Antropologia Extramuros: novas responsabilidades sociais e políticas dos antropólogos*. Brasília: Paralelo 15. p. 53-62. www.aba.abant.org.br/files/47_00142565.pdf

CASTILHO, E. W. W. de. 2005. "A atuação dos antropólogos no Ministério Público Federal". In LEITE, I. B. (org.) *Laudos periciais antropológicos em debate*. Florianópolis: Coedição NUER/ABA. p. 53-58. http://www.aba.abant.org.br/files/1_00180304.pdf

[*] O'DWYER, Eliane Catarino. 2008. "O caso dos laudos: Pesquisa aplicada ou exercício profissional da antropologia?". In SILVA, G. (org.) *Antropologia Extramuros: novas responsabilidades sociais e políticas dos antropólogos*. Brasília: Paralelo 15. p. 75-85. www.aba.abant.org.br/files/47_00142565.pdf

OLIVEIRA, J. P. de. 1994. "Os Instrumentos de Bordo: Expectativas e Possibilidades do Trabalho do Antropólogo em Laudos Periciais". In SILVA, O. S.; LUZ, L.; HELM, C. (orgs.) *A Perícia Antropológica em Processos Judiciais*. Florianópolis: UFSC pp. 115-139. www.aba.abant.org.br/files/000156_0017097.pdf

REGO, A. G. do. 2007. "O trabalho dos analistas periciais em Antropologia do MPF". *O trabalho do antropólogo no Ministério Público Federal e outras considerações sobre a articulação entre o Direito e a Antropologia*. Dissertação de mestrado. Brasília, UnB. p. 90-132.

<https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/5517/1/2007-Andr%C3%A9%20Gondim%20do%20Rego.pdf>

SILVA, A. L. 1994. "Há antropologia nos laudos antropológicos?" In SILVA, O. S.; LUZ, L.; HELM, C. (orgs.) *A perícia antropológica em processos judiciais*. Florianópolis: EdUFSC. p. 60-66.

www.aba.abant.org.br/files/000156_0017097.pdf

Conversa com **Leonardo Leocádio** (MPF). Preparar e trazer perguntas a serem feitas à(o)s colegas convidada(o)s e ler previamente ao menos um produto sugerido por esta(e)s.

20 e 27/07 A antropóloga e o antropólogo na esfera pública (3): assessoria parlamentar

[*] MUNANGA, K. 2013. A antropologia brasileira diante da hegemonia ocidental e as possibilidades de aplicação da antropologia no mercado de trabalho. *Revista de Antropologia*, 56(1): 485-504.

<http://revistas.usp.br/ra/article/view/64515>

[*] SANTOS, C. A. B. P. dos. 2016. A ocupação dos espaços: antropólogos e sua ação social. *Novos Debates - Fórum de debates em antropologia*, 2: 101-114.

<http://novosdebates.abant.org.br/revista/index.php/novosdebates/article/view/159>

SCHUCH, P. 2003. O estrangeiro em campo: atritos e deslocamentos no trabalho antropológico. *Antropolítica*,

12/13: 73-91. <https://pt.scribd.com/document/220586591/SCHUCH-Patrice-O-Estrangeiro-Em-Campo-Atritos-e-Deslocamentos-No-Trabalho-Antropologico>

[*] SPRANDEL, M. A. 2021. Processo legislativo e Antropologia: dá jogo? *Cadernos de Campo* (USP, São Paulo, online), 30(1): 1-11. <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/187691>

Conversa com **Marcia Anita (Maia) Sprandel** e **Marcos Souza** (Senado Federal). Preparar e trazer perguntas a serem feitas à(o)s colegas convidada(o)s e ler previamente ao menos um produto sugerido por esta(e)s.

03 e 10/08 A antropóloga e o antropólogo na cooperação internacional

[*] CARDOSO, M. L. de M. & COSTA, D. M. 2014. O que a perspectiva antropológica tem a dizer sobre a avaliação de projetos sociais apoiados pela cooperação internacional? *Horizontes Antropológicos*, 20(41):

117-140. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832014000100005&lng=en&nrm=iso

[*] LEAL, Ondina Fachel. 2010. "Por uma antropologia não sitiada: O campo de atuação do antropólogo no mundo". In TAVARES, F.; CAROSO, C.; GUEDES, S. L. (orgs.) *Experiências de ensino e prática em Antropologia no Brasil*. Brasília: Ícone Gráfica e Editora. p. 80-88. www.aba.abant.org.br/files/131_00168733.pdf

Conversa com **Ismália Afonso** (ONU) e **Ana Carol Querino** (ONU Mulheres). Preparar e trazer perguntas a serem feitas à(o)s colegas convidada(o)s e ler previamente ao menos um produto sugerido por esta(e)s.

17 e 24 /08 A antropóloga e o antropólogo no terceiro setor, nas ONGs e na assessoria aos movimentos sociais

ALMEIDA, M. W. B. de. 1992. "Desenvolvimento e Responsabilidade dos Antropólogos". In ARANTES, A. A.; RUBEN, G. R.; DEBERT, G. G. (orgs.) *Desenvolvimento e Direitos Humanos: a responsabilidade do antropólogo*. Campinas: EdUnicamp. pp.111-122.

BARRETTO Fº, H. T. 2019. Beatriz Maria Alasia de Heredia: conhecimento e política como compromissos. *Anuário Antropológico*, v. 44, pp. 373-378.

<https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/25436>

BONETTI, A. de L. 2004/2005. A ONG e a antropóloga: da experiência etnográfica à experiência profissional. *Revista Humanas* (Dossiê "Cidadania, democracia e políticas públicas), 26/27: 159-78.

https://www.ufrgs.br/naci/documentos/humanas_bonetti.pdf

- ESTERCI, N. 2008. "Camponeses e povos indígenas: Atuação de antropólogos no espaço das Igrejas e das Ongs nos anos [19]70". In SILVA, G. (org.). *Antropologia Extramuros: novas responsabilidades sociais e políticas dos antropólogos*. Brasília: Paralelo 15. p. 125-133. www.aba.abant.org.br/files/47_00142565.pdf
- HEREDIA, B. M. A. 2005. Ethos y Habitus en Antropología. Reflexiones a partir de una trayectoria. Avá - Revista de Antropología (Universidad Nacional de Misiones, Argentina), n. 6, pp. 1-15. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=169021465001>.
- [*] HEREDIA, B. M. A. 2008 [2005]. Um Antropólogo numa ONG: algumas reflexões sobre prática acadêmica e prática política. In SILVA, G. (org.). *Antropologia Extramuros: novas responsabilidades sociais e políticas dos antropólogos*. Brasília: Paralelo 15. p. 87-98. www.aba.abant.org.br/files/47_00142565.pdf
- [*] LOBO, A. 2016. Precisa-se de uma antropóloga! Vivenciando o fazer antropológico entre a academia e a sociedade civil. *Novos Debates - Fórum de debates em antropologia*, 2: 115-126. <http://novosdebates.abant.org.br/revista/index.php/novosdebates/article/view/160>
- [*] MULLER, C. B. 2010. "A prática antropológica: o desafio de trabalhar em organizações não governamentais". In GUEDES, S. L.; TAVARES, F. R.; CAROSO, C. A. (orgs.) *Experiências em ensino e práticas em antropologia no Brasil*. Brasília: Ícone Gráfica e Editora. p. 76-83. www.aba.abant.org.br/files/131_00168733.pdf
- PERRUSO, M. A. 2011. Intelectuais engajados em movimentos populares nos anos 1970/80: O papel desempenhado pela antropologia. *Política & Trabalho*, 1: 155-168. <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/12613>
- WANDERLEY, L. E. 2002. "ONGs e universidades: desafios atuais". In HADDAD, S. (org.). *ONGs e Universidades*. São Paulo: Fundação Peirópolis/ABONG. p. 119-142. <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=o1J9VhvLfxAC&oi=fnd&pg=PA9&dq=antrop%C3%B3logo+nas+ONGs&ots=og5SveK02t&sig=K7ld8hp748BikgmFdWBhjXFM9Wo#v=onepage&q=antrop%C3%B3logo%20nas%20ONGs&f=false>

Conversa com **Carmela Zigoni** (INESC) e **Clarissa Lemos Cavalcanti** (ANIS). Preparar e trazer perguntas a serem feitas à(o)s colegas convidada(o)s e ler previamente ao menos um produto sugerido por esta(e)s.

31/08 e 14/09 A antropóloga e o antropólogo na prática e no mercado das consultorias para empresas públicas e privadas

- [*] BARBOSA, L. 1999. "O antropólogo como consultor. Das tribos exóticas às grandes empresas". In *Igualdade e Meritocracia: a ética do desempenho nas sociedades modernas*. Rio de Janeiro: Editora FGV. p. 163-197.
- [*] CERNEA, Michael. "Development anthropology at work". *Anthropology News*, 29(6), 1988, pp. 43-44.
- [*] FERNANDES, R. C. 2005. "Produto e processo: desafios para o/a antropólogo/a na elaboração de laudos de impacto ambiental". In LEITE, I. B. (org.) *Laudos periciais antropológicos em debate*. Florianópolis: NUER/ABA. p. 215-38. http://www.aba.abant.org.br/files/1_00180304.pdf
- GONZAGA, S. "Proximidades e distância, questões de mediação". In SILVA, G. (org.). *Antropologia Extramuros: novas responsabilidades sociais e políticas dos antropólogos*. Brasília: Paralelo 15. p. 151-154. www.aba.abant.org.br/files/47_00142565.pdf
- HELM, C. 2008. "A questão ética, as intervenções e a produção do conhecimento antropológico em consultoria para implantação de projeto hidrelétrico". In SILVA, G. (org.). *Antropologia Extramuros: novas responsabilidades sociais e políticas dos antropólogos*. Brasília: Paralelo 15. p. 155-166. www.aba.abant.org.br/files/47_00142565.pdf
- JAIME, P. 2001. Etnomarketing: Antropologia, cultura e consumo. *Revista de Administração de Empresas*, 41: 68-77. <http://www.scielo.br/pdf/rae/v41n4/v41n4a08.pdf>
- PAIM, H. H. S. 2010. "Alguns dilemas do fazer etnográfico sob contrato: formulação das questões e do tempo". In: SCHUCH, P.; VIEIRA, M.; PETERS, R. (org.) *Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS. p. 115-121. www.aba.abant.org.br/files/131_00168733.pdf

Conversa com **Cássio Inglez de Souza** e **Guilherme Oliveira do Espírito Santo** (consultores independentes). Preparar e trazer perguntas a serem feitas à(o)s colegas convidada(o)s e ler previamente ao menos um produto sugerido por esta(e)s.

21/09 Dilemas e implicações *éticas* das práticas profissionais em Antropologia

Dinâmica de grupos de estudo dirigido.

Explorar a Resolução nº 510 de 07/04/2016 do Conselho Nacional de Saúde e os materiais disponíveis no site do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da UnB: <https://www.cepchs.unb.br>.

[*] ABA. *Código de Ética do Antropólogo e da Antropóloga*. Criado na Gestão 1986/1988 e alterado na gestão 2011/2012. <http://www.portal.abant.org.br/codigo-de-etica/>

[*] ABA. *Protocolo de Brasília: laudos antropológicos: condições para o exercício de um trabalho científico*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 2015. http://www.aba.abant.org.br/files/82_00121696.pdf

[*] LAUDOS Antropológicos: Carta de Ponta Das Canas. 2001. *Cadernos Textos e Debates*, nº 9. Florianópolis: NUER (Núcleo de Estudos Sobre Identidade e Relações Interétnicas)/UFSC. <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/126236/Textos%20e%20Debates%20No%209.pdf?sequence=9&isAllowed=y>

ALMEIDA, M. W. B. de. 2012. *Sociodiversidade e Desenvolvimento: considerações entre centro e margem*. Palestra proferida na Sessão 1 (Desenvolvimento e Sociodiversidade) do Simpósio 'Os Antropólogos e os Dilemas do Desenvolvimento, coordenado por Andrea Zhouri (UFMG) e Sônia Magalhães (UFPA) na 28ª Reunião Brasileira de Antropologia, em 04 de julho de 2012.

FLEISCHER, S. 2007. Antropólogos 'anfíbios'? Alguns comentários sobre a relação entre Antropologia e intervenção no Brasil. *Anthropológicas*, 18(1): 37-70. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/view/23652>

FONSECA, C. L. W. 2006. Antropologia e cidadania em múltiplos planos. *Humanas* 26/27: 17-46. http://www.ufrgs.br/naci/documentos/humanas_fonseca.pdf

PEIRANO, M. 1985. O antropólogo como cidadão. *Dados - Revista de Ciências Sociais*, 28(1): 27-43. http://www.marizapeirano.com.br/artigos/o_antropologo_como_cidadao.pdf

RAMOS, A. R. 2004. "A difícil questão do consentimento informado". In VÍCTORA, C. et al. (eds.). *Antropologia e Ética: o debate atual no Brasil*. Niterói: EDUFF. pp. 91-96. http://www.aba.abant.org.br/files/7_0012267.pdf

SCHUCH, Patrice. 2013. "A vida social ativa da ética na Antropologia (e algumas notas do 'campo' para o debate)". In SARTI, C.; DUARTE, L. F. D. (orgs.). *Antropologia e Ética: desafios para a regulamentação*. Brasília: ABA. pp. 30-85. http://www.aba.abant.org.br/files/65_00149467.pdf